

Empresários do PMDB acham medida “tímida”

BRASÍLIA — A decisão em si ninguém discute: a moratória dos juros da dívida externa foi uma medida inadiável para o governo brasileiro, segundo os deputados Ronaldo César Coelho (RJ), Max Rosenmann (PR) e o senador Severo Gomes (SP), que representam três diferentes concepções econômicas dentro do PMDB. A divisão entre essas correntes, segundo eles, começa na avaliação dos efeitos e da forma como foi adotada a moratória.

Ronaldo César Coelho diz, por exemplo, que o governo tentou transformar uma medida tomada “por absoluta falta de caixa” num solene gesto de “bravura”, e se deu mal. Politicamente, diz ele, houve uma tentativa de manipulação da opinião pública que não deu certo porque a população ainda estava, em março, decepcionada com o fracasso do Plano Cruzado. “Tentaram transformar uma declaração de pobreza num ato patriótico” — disse.

Uma vez decidida, porém, a moratória, segundo César Coelho, deveria ter sido mais ampla do que foi, incluindo os juros da dívida com o Clube de Paris. E, principalmente, teria que vir acompanhada de uma estratégia consistente de renegociação, cobrindo todo o estoque da dívida externa e já prevendo a hipótese da recessão em escala mundial, com aumento dos juros internacionais.

Uma renegociação consistente, segundo o deputado, deve incluir um limite para os juros e a defesa de *spread* zero. E, no fim, um acordo com FMI, “porque isso interessa ao Brasil”.

Timidez — Numa perspectiva diferente, o senador Severo Gomes (PMDB-SP), da esquerda nacionalista do partido, concorda com algumas observações de Ronaldo César Coelho. Desde o início, segundo ele, a moratória deveria ter incluído os juros da dívida e, preferencialmente, deveria ter vindo no ano passado, quando as reservas eram maiores.

Severo acha que a moratória “foi fundamental” para o governo e é “um trunfo” que recomenda cautela na atual fase de negociação comandada pelo ministro Bresser Pereira. “Hoje quem tem pressa são os nossos credores, recomendando grande prudência e nenhuma pressa”.

Já o deputado Max Rosenmann (PMDB-PR) um empresário alinhado com o grupo “moderado” do partido, diz que a moratória simplesmente “não valeu” — não pela medida em si, mas pela forma “irresponsável” como foi administrada pelo ministro Dilson Funaro.

Esse fato criou um vazio e afugentou os investimentos estrangeiros no país, segundo Rosenmann, ao mesmo tempo em que levou o país a tentar, como agora, uma “negociação clássica”.